

O uso da própolis em Periodontia

Juliana GALVÃO Marques¹
Viviane Guimarães GALVÃO²

Palavras-chave: Própolis,
Periodontia.

RESUMO

A doença periodontal tem como etiologia a interação de fatores, dentre os quais, patogenicidade do microorganismo envolvido, sistema imune do hospedeiro, higienização bucal, hereditariedade e distúrbios sistêmicos. Além da terapêutica básica de instrução de higiene oral, raspagem e alisamento radicular e motivação do paciente, muitas vezes é necessário lançar mão de medicamentos que auxiliem na reparação dos tecidos agredidos e na melhora dos sintomas. Um dos sinais mais marcantes de envolvimento periodontal é o sangramento gengival. A gengivite é uma inflamação desencadeada em resposta à agressão bacteriana. Sendo assim, é interessante a prescrição de um medicamento que tenha a capacidade de diminuir a quantidade de microorganismos na cavidade bucal e amenize o processo inflamatório. A própolis, uma resina produzida pelas abelhas, é já utilizada empiricamente desde o Egito Antigo, por suas propriedades anti-sépticas, antiinflamatórias, anestésicas e cicatrizantes. Portanto, apresenta-se como uma alternativa aos medicamentos já utilizados em Periodontia no auxílio ao tratamento e controle da doença periodontal.

Data de recebimento: 06-01-03
Data de aceite: 21-02-03

^{1,2} Cirurgiã-dentista graduada pela Universidade Vale do Rio Doce-UNIVALE.

INTRODUÇÃO

Própolis é uma resina de origem vegetal, coletada pelas abelhas e enriquecida com secreções salivares e pólen. É utilizada pelas abelhas para a defesa da colméia, preenchendo aberturas contra invasão de microrganismos, preservando a temperatura interna do ambiente, além de servir para embalsamar insetos invasores mortos, para impedir sua putrefação (SILVA, E. B. et al., 2000; CASTALDO; CAPASSO, 2002).

A composição química da própolis varia de acordo com o tipo de abelha, a região geográfica de origem e quanto aos métodos de extração e de controle de qualidade de cada fabricante. Geralmente se compõe de flavonóides, ácidos fenólicos e ésteres, substâncias voláteis, ácidos aromáticos, ceras (ácidos graxos), grãos de pólen, os quais são uma fonte de elementos essenciais, como magnésio, níquel, cálcio, ferro e zinco (SANTOS, 1999; CASTALDO ; CAPASSO, 2002). Os principais constituintes da própolis são os flavonóides e o ácido cafeico (CAPE), por serem responsáveis pelas atividades terapêuticas da própolis. Diversos autores já demonstraram suas propriedades antiinflamatória, antibiótica, anti-séptica, cicatrizante, anestésica e até mesmo antiviral (HIV, Herpes vírus ou Influenza vírus), antimicótico (*Candida albicans*) e antitumoral (BORRELLI et al., 2002; DUARTE ; KFOURI, 1999; MURRAY et al., 1997; PANZERI et al., 1999; SILVA et al., 2000; CASTALDO ; CAPASSO, 2002). Assim, esse medicamento vem sendo defendido como agente terapêutico natural alternativo em Periodontia.

DISCUSSÃO

A própolis pode ser encontrada em solução pura (aquosa ou alcoólica) ou, entre outras apresentações, em forma de pomadas, enxaguantes bucais e na composição de dentifrícios. Em um estudo para investigar o efeito de um enxaguante contendo própolis sobre a inibição de formação da placa, Murray et al. (1997) concluíram que a redução da placa encontrada, comparando-se o enxaguante-teste com o placebo, não foi significativa, sugerindo que enxaguante com própolis possui eficácia limitada.

Em conformidade com esse achado, Duarte et al. (1999), ao selecionarem vinte pacientes para utilização de própolis sob forma de bochechos e posteriormente procederem ao levantamento do índice de placa (preconizado por QUIGLEY; HEIN) e do índice gengival (LOE; SILNESS), encontraram que, embora numericamente tivesse havido uma queda na formação da placa bacteriana, esse aspecto foi estatisticamente insignificante e a própolis, sob forma de bochechos e na concentração utilizada (suspensão hidroalcoólica de própolis a 0,84%), não alterou o índice de placa e de gengivite. Já Magro et al. (1987) obtiveram resultados positivos ao analisarem histologicamente as reações do tecido conjuntivo de ratos à pomada de confrei, própolis e mel, pois observaram uma neoformação conjuntiva acelerada, concluindo que essa pomada é uma opção terapêutica para aplicações superficiais. O mel, presente nessa formulação, é também um dos mais antigos medicamentos conhecidos. Experiências com seu uso em cuidados de feridas indi-

cam que os componentes antibacterianos e antiinflamatórios do mel possuem boa difusão nos tecidos a partir de aplicação tópica (MOLAN, 2001).

Segundo SILVA et al. (2000), o processo de reparação de uma incisão na pele inicia-se com a saída de sangue e formação do coágulo. A cicatrização de uma ferida ou incisão na mucosa bucal, que possui ambiente úmido e movimentação constante, pode não reter o coágulo. Isso tornaria o processo de reparação mais lento, fazendo-se necessária a utilização de medicamentos que acelerassem a cicatrização. A própolis, então, poderia atuar satisfatoriamente nas feridas favorecendo a cicatrização devido ao seu poder antiséptico, cicatrizante e anestésico. Desse modo, os autores verificaram histologicamente o efeito da solução alcoólica de própolis em feridas da mucosa bucal de ratos e observaram que a própolis não provoca reação inflamatória e induz a formação epitelial, bem como a neoformação vascular e fibroblástica do tecido conjuntivo. A solução alcoólica de própolis a 10% estimulou a reparação tecidual da mucosa bucal de ratos.

As vantagens obtidas com o uso da própolis podem ser experimentadas pela utilização do produto em dentifrício. Panzeri et al. (1999) testaram clinicamente um dentifrício em gel com 3% de própolis, comparando-o com um placebo. Os índices gengivais (SILNESS; LOE, 1963) dos indivíduos envolvidos foram medidos em intervalos estabelecidos pela pesquisa e o resultado mostrou que o dentifrício contendo a própolis foi mais efetivo do que o destituído do agente terapêutico

no controle do índice gengival, sendo uma alternativa viável como agente preventivo ou terapêutico da doença periodontal.

A própolis é um medicamento sem maiores contra-indicações. No estudo de Murray et al. (1997), com indivíduos submetidos à administração de própolis como enxaguante bucal, nenhuma reação adversa foi relatada ou observada. Porém, os efeitos adversos mais comumente encontrados são reações alérgicas. Segundo Castaldo e Capasso (2002), deve-se ter cuidado com seu uso no tratamento de asmáticos. É importante ainda realizar anamnese antes do atendimento, para verificar se há história de hipersensibilidade ao produto. Como todo medicamento com potencial antibiótico, pode haver resistência microbiana se a utilização não for prudente (SANTOS, 1999).

É difícil estabelecer uma posologia única para a terapia com própolis devido à falta de padronização desse medicamento, que difere de região para região.

CONCLUSÃO

A própolis, por suas propriedades terapêuticas confirmadas em estudos, especialmente aquelas relacionadas com seus efeitos antiinflamatório, antiséptico e cicatrizante sob os tecidos biológicos, é uma opção segura no momento da escolha de agentes químicos eficazes em Periodontia. Vale lembrar que um maior empenho em pesquisas técnico-científicas é desejável para um consenso quanto à posologia adequada para que a própolis deixe de ser usada de forma empírica pela população e pelos profissionais.

ABSTRACT

THE USE OF PROPOLIS IN PERIODONTOLOGY

The cause of the periodontal disease is the interaction of factors such as microorganism pathogenicity, host's immune system, personal oral hygiene, genetics and systemic diseases. Besides the basic therapy of oral hygiene instructions, scaling and root planning and patient's motivation, usually it's necessary to use medicines in order to promote healing. One of the most significant signals of the periodontal involvement is the gingival bleeding. Gingivitis is an inflammation that occurs due to the bacterial injury. Thus, the prescription of a medicine which can lower the number of microorganisms in the oral cavity and also release the inflammatory process is interesting. Propolis, a resinous material produced by bees has already been used since Ancient Egypt for its antiseptic, anti-inflammatory, anesthetic and cicatrizant properties. Therefore, it seems to be an alternative in Periodontology, for that medicines routinely used as coadjuvant in the treatment and control of the periodontal disease.

Keywords: Propolis, Periodontology.

REFERÊNCIAS

- 1 BANSKOTA, A. H.; TEZUKA, Y.; KADOTA, S. Recent progress in pharmacological research of propolis. **Phytother. Res.**, v. 15, n. 7, p. 561-571, 2001.
- 2 BORRELLI, F. et al. Phytochemical compounds

involved in the anti-inflammatory effect of propolis extract.

Fitoterapia, n. 73, suppl. 1, p. S53-S63, 2002.

- 3 CASTALDO, S.; CAPASSO, F. Propolis, na old remedy used in modern medicine. **Fitoterapia**, n. 73, suppl. 1, p. S1-S6, 2002.
- 4 DUARTE, C. A.; KFOURI, L. S. Ação da própolis sob forma de bochechos na formação da placa bacteriana e gengivite. **RGO**, v. 47, n. 2, p. 82-84, abr./maio/jun. 1999.
- 5 MAGRO, O. F. et al. Reações do tecido conjuntivo à pomada de confrei, própolis e mel. Estudo histológico em ratos. **RBO**, v. XLIV, n. 5, p. 44-48, set./out. 1987.
- 6 MOLAN, P. C. The potential of honey to promote oral wellness. **Gen. Dent.**, v. 49, n. 6, p. 584-589, Nov./Dec. 2001.
- 7 MURRAY, M. C.; WORTHINGTON, H. V.; BLINKHORN, A. S. A study to investigate the effect of a propolis-containing mouthrinse on the inhibition of de novo plaque formation. **J. Clin. Periodontol.**, v. 24, n. 11, p. 796-798, 1997.
- 8 PANZERI, H. et al. Um dentífrico experimental contendo própolis: avaliações físicas, microbiológicas e clínicas. **Rev. ABO Nacional**, v. 7, n. 1, p. 26-30, fev./mar. 1999.
- 9 SANTOS, V. R. Própolis: antibiótico natural alternativo em odontologia? **Revista do CROMG**, v. 5, n. 3, p. 192-195, set./dez. 1999.
- 10 SILVA, E. B. et al. Efeito da ação da própolis na lâmina própria da mucosa bucal de ratos. Estudo histológico. **Robrac**, v. 9, n. 28, p. 4-8, 2000.